

26 SET 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

Paranóia dos choques

Economia - Brasil

SÉRGIO AMAD COSTA

Na época do regime de exceção no Brasil, nos anos 70, havia um personagem dos quadrinhos conhecido por "Ubaldo, o paranóico". Com frequência, ele colocava a mão na tomada para levar choque. Era uma de suas paranóias, pois, caso fosse preso pela polícia política, já estaria acostumado com cargas elétricas.



Hoje, graças a Deus, não há mais aqui choques "políticos" como os do regime de exceção. Mas, de uns anos para cá, surgiu uma onda de choques econômicos, transformando uma população inteira em "Ubaldos, os paranóicos". Trabalha-se, agora, no Brasil, preparando-se sempre para receber novas cargas de quilowatts, aplicadas na economia.

Recentemente, por exemplo, o governo ameaçou adotar um "choque de liberalismo", para acabar com os abusos na elevação de preços de setores considerados oligopolistas. Ora, usar o termo "liberalismo" aplicado a choques econômicos é um contrassenso. Uma das características mais marcantes das economias liberais é justamente evitar a adoção de choques pelo governo no mercado. Tal carga de quilowatts seria aplicada pelo ingresso maciço de produtos importados, reduzindo-se as alíquotas aduaneiras. Com a medida, muitas dessas mercadorias teriam aqui preços até mais baixos do que os das nacionais.

Sem dúvida, o fim do protecionismo nas fronteiras do mercado é uma exigência de cunho liberal. Porém, desde que seja de maneira planejada. Aliás, da forma como já está programada, reduzindo-se a alíquota das importações gradualmente, dando tempo às empresas para se reestruturarem a fim de enfrentar a concorrência internacional.

Dessa forma, caso tal medida fosse adotada, seria mais um choque, porém não de liberalismo.

Um projeto liberal não significa arrebentar grandes empresas. Ao contrário, exige, isso sim, um planejamento para ingressar-se numa economia verdadeiramente de concorrência, porém sem provocar, na transição, traumas sociais.

Agora tem sido ventilado outro choque: o da moralidade. Programa-se uma carga para pôr fim à corrupção que assola nossa economia. Mas, se choque funcionasse mesmo, este provocaria dor numa boa parte do País e não apenas na ilha da fantasia de Brasília. Atingiria muitos Estados, municípios e uma parcela expressiva do setor privado também. "Caixinha", hoje, faz parte da economia nacional.

Finalmente, a paranóia produzida pelos vários choques conhecidos por nós está causando, nesta semana, um diz-que-diz sobre uma possível nova carga antiinflacionária. Embora o ministro Marcílio Marques Moreira, em nome do "choque da verdade", venha afirmando que não há nenhum choque à vista, percebe-se muita cautela no mercado, que se prepara para eventuais novas medidas econômicas.

Pois bem, nesse clima de choques econômicos, o Brasil, agora, no ranking mundial do risco de investimentos internacionais, do **The Wall Street Journal**, perde, por exemplo, do Paraguai, da Checoslováquia e até da Ilha de Malta. E, quando se vê a saída que o México e o Chile conseguiram para a crise, assim como a recuperação que o Peru e a Argentina anunciam, nota-se que os choques aqui aplicados não contribuíram em nada para o crescimento da economia.

De concreto mesmo, conseguiu-se produzir uma mentalidade de se trabalhar preparando-se apenas para enfrentar as sucessivas medidas econômicas, tornando inviável qualquer planejamento empresarial no médio e longo prazo. Tornamo-nos, isso sim, os Ubaldos, os paranóicos, só que dos choques econômicos.

□ *Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.*